

JUCA KFOURI

O ouro que faltava

Antes tarde do que nunca. Embora nada tenha de revanche, ter sido contra a Alemanha foi mais gostoso

COMO JÁ disse, minha vontade de ver o futebol brasileiro com a medalha de ouro olímpica não vem de hoje.

Via seleção brasileira ser cinco vezes campeã mundial e faltava ver o título inédito.

Pela TV acompanhei a primeira finalíssima olímpica, 32 anos atrás, em Los Angeles, no mesmo estádio Rose Bowl, com mais de 100 mil torcedores, em que o Brasil conquistaria o tetracampeonato mundial em 1994.

Não era exatamente uma seleção, era praticamente o time do Inter com 11 dos 17 convocados e dirigido por Jair Picerni. A derrota para a França por 2 a 0 não surpreendeu e não doeu, porque aquela até apareceu como uma prata inesperada.

Quatro anos depois, em 1988,

em Seul, foi diferente.

Acordei às 7 da manhã do sábado para ver a decisão contra o time da União Soviética, com esperança de vitória.

Andrade no meio, Bebeto e, principalmente, Romário no ataque, inspiravam confiança, embora ainda fossem promessas. O jogo empatou 1 a 1 no tempo normal e os soviéticos venceram com um gol na prorrogação.

A terceira final, em Wembley, quatro anos atrás, vi de corpo presente e com a certeza de que coraria minha intuição antes de partir para Londres disposto a seguir, como fiz, o time dirigido por Mano Menezes e com Neymar, Pato, Hulk, Thiago Silva, Juan, Marcelo, Oscar, por Manchester, Cardiff e Newcastle, percursos que fazia de trem

indo e vindo da capital inglesa. Como se sabe, um mexicano chamado Peralta fez dois gols e o Brasil perdeu por 2 a 1 ao levar o gol mais rápido até então numa Olimpíada, em apenas 29 segundos, graças a um erro bisonho do lateral direito Rafael, hoje no Lyon, e à desatenção do volante Sandro, atualmente no West Bromwich.

Restou, porque a Tóquio não irei, a decisão de ontem no Maracanã, santuário do futebol equivalente a Wembley, de novo com Neymar em campo, depois de jogos em Brasília, Salvador e no Rio.

Revanche contra os alemães não seria, é claro.

Só haverá uma se na Alemanha, em mata-mata de Copa do Mundo e com goleada, assim co-

mo revanche contra o Uruguai só numa final de Copa em Montevideo.

Mas que tinha um gosto especial, tinha.

Rogério Micalte em sua primeira entrevista depois da estreia estava tenso, mas confiante.

Na segunda, novo empate, mostrou-se decepcionado e até desculpas pediu.

Apareceu aliviado na terceira, depois da goleada na Dinamarca, assim como feliz e confiante depois que Honduras foi massacrada.

Ontem tentava disfarçar a justa euforia.

O que houve no Maracanã você sabe e, pensando bem, tinha de ser assim, no último pênalti, para todo mundo ver. Sim, meninos, eu também vi.

O CHURRASCO PERFEITO

Maturatta
Fribei

ENTRECOTE

MATURADA POR MAIS SACI

CARNE RESEPIADA DE BOVINO SEM OSSO
FILE DE COSTELA MATURADO

ACERTOU NA CARNE, ACERTOU NO CHURRASCO.

Carne selecionada, suculenta e maturada até a perfeição.

Maturatta
Fribei

A certeza do churrasco perfeito.

Mang Yangmin-19 ago 2016/kinhua



Carmelo Anthony em ação contra a Espanha, na semifinal

Carmelo Anthony joga por seu terceiro ouro

BASQUETE Ala vai comandar os Estados Unidos, grandes favoritos ao título, na decisão contra a Sérvia

ÉDER FANTONI
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

Muitos jogadores dos Estados Unidos disseram não à Olimpíada do Rio, como o ala LeBron James, do Cleveland Cavaliers, e o armador Stephen Curry, do Golden State Warriors. Mas o técnico da equipe, Mike Krzyzewski, tem uma certeza: enquanto Carmelo Anthony, 32, estiver em forma, pode contar com ele.

O ala do New York Knicks tentará neste domingo (21), às 15h45, conquistar a sua quarta medalha olímpica. Ele já ganhou dois ouros (em Pequim-2008 e Londres-2012) e

um bronze (Atenas-2004).

Se for campeão no Rio, vai se tornar o primeiro jogador de basquete dos EUA a ganhar três medalhas de ouro.

A adversária dos americanos na final será a Sérvia, que eliminou na semifinal a equipe da Austrália. "Estamos aqui apenas pela medalha de ouro. Não queremos nada abaixo disso", disse Anthony logo depois da vitória sobre a Espanha, na sexta-feira (19).

Apesar de nunca ter sido campeão da NBA, ele diz não sentir nenhuma frustração. Muito pelo contrário. Mostra-se orgulhoso pelas medalhas

conquistadas para seu país.

"Sou um privilegiado por jogar uma Olimpíada. E muito mais por ter ganho três medalhas", disse Anthony.

Na Rio-2016, o jogador é o segundo cestinha do time americano. Tem 12,9 de média de pontos por partida. Só está atrás do ala Kevin Durant, que tem 17,9.

Contra a Austrália, na primeira fase, Anthony marcou 31 pontos e se tornou o maior cestinha dos EUA em Olimpíadas. Passou LeBron, com 27,3. Atualmente, ele tem 329 —ainda está longe do maior cestinha dos jogos, Oscar Schmidt, com 1.093.

No Rio, o jogador até saiu do transatlântico em que o Dream Team está hospedado para visitar uma favela da cidade (o Morro Dona Marta). Chegou a jogar basquete com algumas crianças.

Não por acaso, ele é um dos jogadores mais festejados pela torcida brasileira quando entra em quadra. "Amo essa atmosfera da torcida."

No domingo, Anthony pode ser ainda mais cortejado pelos brasileiros quando terminar o jogo contra a Sérvia.